

CIBERCULTURA

e estudos culturais na Índia e no mundo

Por Rafael Grohmann

O indiano Pramod K. Nayar vive os desafios de ser um pesquisador fora da hegemonia do “Norte”, com problemas semelhantes aos brasileiros. Professor do departamento de Inglês da Universidade de Hyderabad, Nayar pesquisa as mídias digitais a partir dos estudos culturais, procurando compreender principalmente como questões “antigas” – tais como raça, etnia, classe, gênero, vigilância – permanecem nas ciberculturas, sempre no plural. É autor de livros como *An Introduction to new media and cybercultures*, *Citizen and Identity in the age of surveillance* e *Digital Cool: life in the age of new media*.

PARÁGRAFO: Em *An introduction to new media and cybercultures*, o senhor fala da necessidade de compreender a Internet a partir das ciberculturas, no plural, não cibercultura. Por que?

PRAMOD NAYAR Porque há muitos tipos de ciberculturas e culturas digitais, desde controladas ou organizadas pelo Estado, por empresas até produções autônomas e versões indie. As tecnologias são práticas culturais construídas em torno de um dispositivo ou um processo tecnológico específico. São as práticas culturais que determinam como as tecnologias se desenvolvem em primeira instância, mas também há de se considerar suas características específicas e as tendências futuras.

Em um mundo onde alguns autores usam termos como “imaterial” para designar a comunicação e a internet, como o senhor vê a comunicação a partir da dimensão material? Esses termos seriam não somente criticamente infundados, mas eticamente inábeis, pois desligam os espaços hiper-reais e simulados das estruturas, incluindo finanças, trabalho, ou seja, a infraestrutura que os permitiu. Além disso, se nós não examinarmos como o mundo etéreo do ciberespaço abastece dentro e fora as condições materiais e as práticas da vida cotidiana, se é comunicação ou ativismo política, se é etiqueta ou *role-playing*, nós estaremos nos esquecendo do componente essencial das ciberculturas. A comunicação constrói comunidades, o que envolve pessoas reais. O digital, como eu argumentei, apenas se estende para outras dimensões de práticas, crenças e comportamentos que existem no mundo material.

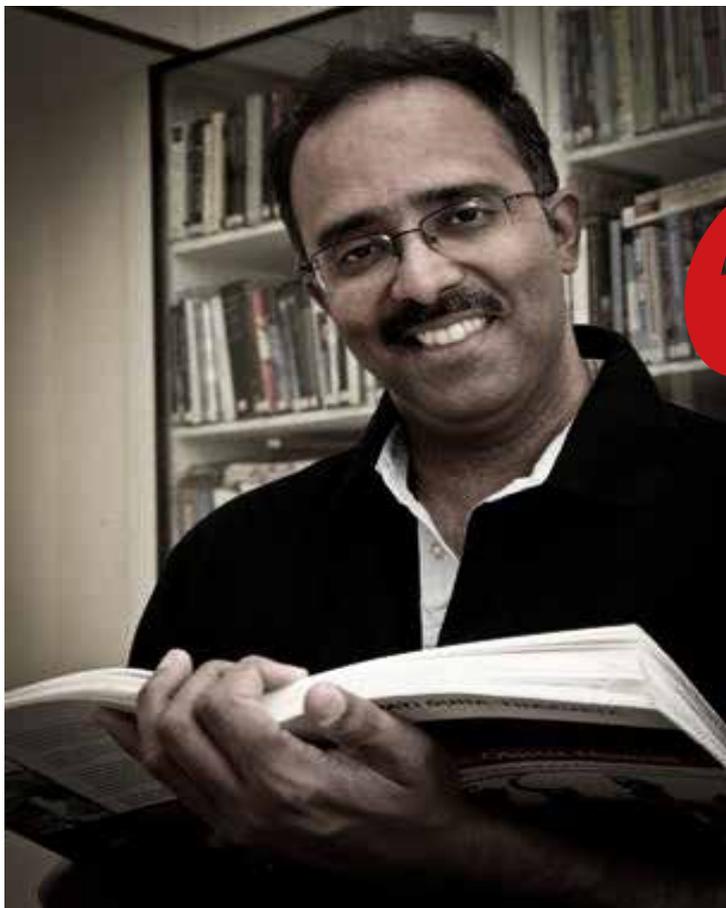
O que o senhor pensa sobre o “pós-humano”? Em meu recente trabalho, eu propus que o mito do ser humano coerente, soberano e independente foi destruído com a evolução da biologia evolutiva, bem como em perspectivas filosóficas. O pós-humanismo reconhece que os seres humanos são agregados a outras formas de vida, máquinas, o meio-ambiente. Então considerar o humano como um agente e soberano é ignorar a cooptação, a cooperação e as trocas que nos constitui como “espécies companheiras”, para usar um termo popularizado por Donna Haraway. Além disso, os avanços tecnológicos tem produzido humanos com apêndices, implantes, mentes alteradas, o que põe em xeque a própria natureza do homem como nós a conhecemos. Qual é a porcentagem do humano “original” que sobrevive em um corpo dependente de marca-passos, máquinas de diálise e micro-chips no cérebro? Alguns biólogos começaram a disputar essa ideia. Para mim, o pós-humanismo nos assegura que somos espécies interligadas, que nossa sobrevivência na terra sempre se tornou possível devido a outras formas de vida. O pós-humanismo, portanto, é um avanço rumo ao reconhecimento do que eu chamei de “cosmopolitismo de espécies”.

Outro termo “fora-de-moda” é o de classe social. Como o senhor enxerga as questões de classes nas ciberculturas? Eu não tenho certeza se o conceito de classe é datado ou superado. Críticos como Tiziana Terranova, para nomear somente uma, tem demonstrado o papel desenvolvido dos trabalhadores da área de serviços nas culturas digitais. O trabalho feito por jogadores de vídeo-game individu-

ais, ela observa, foi considerado “trabalho imaterial” ainda que incorporado ao processo produtivo. Então, a classe existe. Inegavelmente. O digital tem e não tem que continuar a existir em várias partes do mundo. O trabalho cultural, segundo comentadores e usuários, é um tipo de trabalho que não é reconhecido enquanto tal, e por isso lhe é negado um “status”, se é isso que ele é, de classe. Mas o poder continua a repousar no que Rita Paley chamou de e-Empires, e o trabalho de Winifred Poster chamou a atenção para as implicações da economia digital de crédito para as pessoas nas diversas classes, assim como o trabalho anterior de Raka Shome, onde apontou para as novas identidades e classes híbridas (em países do Terceiro Mundo), emergindo devido a operações de back-office em seus países.

Em seu livro, o senhor também fala sobre raça, gênero e sexualidade nas ciberculturas. Sim, essas identidades permanecem mesmo na era digital – bem-estar, direito a voto, emprego e benefícios sociais, serviços de saúde – todos requerem esses marcadores de identidade e assim não importa quão flexíveis as novas tecnologias tornam as possibilidades de novas identidades, as mais velhas sobreviverão. E são necessárias. Bem-estar, como política, requer um corpo, e o corpo é marcado sexualmente, racialmente, etnicamente.

Qual o lugar dos conflitos e das resistências para pensar a comunicação contemporânea? Estudos sobre autonomia e censura nas novas mídias tem tanta importância quanto na mídia tradicional. A resistência agora tem um novo modo, como podemos ver no de-



O ciber-ódio é uma manifestação de ódio já circulante”

envolvimento das redes sociais nas rebeliões árabes. A tecnologia facilita a resistência, mas não a produz. Então conflitos e rebeliões sociais motivam uma demanda por tecnologias de certos tipos, bem como o uso de determinadas maneiras. É a cultura que impulsiona a inovação.

A partir disso, como podemos entender o ódio na internet? Não houve uma mudança nas formas mais antigas de ódio, exceto pelo fato de que ela pode ser mais rápido em termos de sua distribuição. Esta é uma das razões pelas quais eu acredito que a dimensão material não pode ser separada da digital. O ciber-ódio é uma manifestação de ódio já circulante. De cartas anônimas e canetas com veneno ao ciber-ódio. Bem, o que mudou, exceto o modo de entrega, de distribuição?

O senhor diz que precisamos nos perguntar “quais versões do Outro aparecem em nossas telas”. Quais os espaços para a alteridade nas ciberculturas? Estamos nos comunicando somente com pessoas similares a nós? Podemos estar nos comunicando com pessoas similares a nós, mas o “diferente” ainda pode aparecer em nossas telas. Projetos como Not on Our Watch e Sentinel são tentativas de desenvolver uma sociedade civil global no ciberespaço. Eu tenho argumentado no meu trabalho sobre vigilância que nós agora possuímos um potencial para participar de um circuito global de testemunhas cidadãs, um potencial que não foi concretizado até agora, mas é um potencial. E, portanto, se assim nós desejarmos, podemos participar também em engajamentos éticos e políticos com o sofrimento desse Outro distante que aparece em nossos bancos de dados e em nossas telas. É realmente uma questão de escolha

O que o senhor pensa sobre a cultura dos fãs e das celebridades em um contexto transmidiático? Bom, as celebridades têm encontrado uma nova plataforma para conseguir visibilidade. Os fãs produzem fan fictions e as divulgam digitalmente assim que possível, e assim se estendem as interações entre “estrelas” e fãs para novos domínios. No entanto, a vigilância e a exposição inesperadas, que são facilitadas pelas novas mídias, desmascaram celebridades. A falta de consentimento em tais “revelações”, que se tornam virais em poucos minutos, pode trazer problemas às celebridades. Estar disponível instantaneamente e em tantas plataformas é, de fato, um passo novo nas culturas digitais.

Quais as contribuições que os Estudos Culturais tem a oferecer para as pesquisas contemporâneas das ciberculturas e da comunicação? Com sua ênfase na vida cotidiana e nas relações entre cultura e poder, os estudos culturais nos habilita a enxergar os discursos e representações nas ciberculturas – no *Whatsapp*, nos sites, etc – para examinar as políticas que

172 permitem e empoderam alguns países ou setores da sociedade e não outros. Nesse ponto, os trabalhos de Lisa Nakamura e Beth Kolko são importantes. Os estudos culturais também nos ajudam a entender como as identidades no mundo digital replicam os preconceitos sociais do mundo real e material, em como novas formas de trabalhos políticos e culturais foram possibilitadas pelas novas tecnologias. Também nos auxiliam a estudar as identidades das populações diaspóricas que tomaram o ciberespaço como um lugar de conexões, entre outros. A ênfase na relação entre poder e cultura habilita os estudos culturais a contribuir para o exame de políticas, da censura, e das apropriações políticas no meio digital.

Quais os desafios de um intelectual indiano produzindo ciência na área de Estudos Culturais em contexto pós-colonial e de mundialização? Eu não sei se estou “produzindo ciência” como você coloca. Mas quando tentamos trabalhar na Índia, como uma escolha política e de princípios, e não no “Ocidente”, é claro que enfrentamos desafios específicos. Um dos problemas-chave é a aquisição de uma bolsa de estudos em um contexto de corte orçamentário e indiferença administrativa. As universidades na Índia estão cada vez mais semelhantes a “lojas de ensino” e não desejam se concentrar em pesquisa ou promover tal pesquisa se ela existe. Eu posso dizer isso com alguma confiança em relação às Ciências Humanas. Então, não podemos nos dar ao luxo de assinar revistas científicas ou adquirir livros para que possamos nos desenvolver, embora alguns de nós tentemos. A segunda área de preocupação é tratar de questões pós-coloniais no domínio do

global. Eu endosso a sugestão de Pnina Werbner sobre um “cosmopolitismo vernacular”, embora eu não me sinta muito confortável com as conotações do termo “vernáculo”. Esse termo nos permite tratar de questões globais sem largar o contexto local a partir do qual se escreve. Os desenvolvimentos culturais e tal estão nos locais e também são incorporados aos fluxos globais nessa era digital.

Pode dar um exemplo? O meu trabalho sobre vigilância, por exemplo, mostra o quanto as culturas de vigilância na Índia estão adaptadas e influenciadas por tendências globais, assim como outras áreas da comunicação. Questões de raça e etnicidade, nação e identidade nacional, continuam a ser pertinentes em nossas vidas e se cruzam de várias formas com questões globais. Eu gosto de pensar que as questões de um trabalhador acadêmico – um termo talvez melhor que “intelectual” – indiano que se preocupa com questões de vigilância, estudos de celebridades, cultura de violência pública, ou pós-humanismo decorrem de sua localização simultânea na Índia pós-colonial e sua inserção nos fluxos globais do trabalho acadêmico. Esse é quase certamente o meu caso, desde que eu escreva sobre temas que sejam globalmente relevantes **P|**

